

MIGRAÇÃO E NOVAS CONFIGURAÇÕES IDENTITÁRIAS EM MANAUS: O CASO DOS HAITIANOS

Marcos Oliveira de Lima¹

RESUMO: O artigo se propõe a estudar a configuração identitária do refugiado haitiano em Manaus, Amazonas. Um dos pontos de partida foi identificá-los no sentido acadêmico da palavra. A pesquisa é importante para a academia, por que esta não visa apenas estudar este fenômeno dinâmico ocorrido entre grupos sociais, sem que utilize as informações e influencie outros setores – comércio, igrejas, indústrias, forças armadas e comunidades civis, organizações humanitárias etc. O método usado na produção deste trabalho foi pesquisa bibliográfica. O presente trabalho está dividido nas seguintes partes: primeira parte aborda o conceito de identidade social, suas definições e as diferenças que podem sofrer com a imigração ou fusão de grupos sociais, a segunda parte mostra as fronteiras e as dificuldades que os refugiados enfrentaram até chegar a Manaus e a terceira expõe os processos dinâmicos de novas configurações identitárias dos haitianos em Manaus.

PALAVRAS-CHAVE: Haitianos; refugiados; identidade; Manaus.

MIGRATION AND SETTING'S NEW IDENTITY IN MANAUS: THE CASE OF HAITIAN

ABSTRACT: The article proposes to study the identity configuration of the Haitian refugee in Manaus, Amazonas. One of the starting points was to identify them in the academic sense of the word. The research is important to the gym, why this is not only study this dynamic phenomenon occurred between social groups without using the information and influence other sectors - businesses, churches, industries, military and civilian communities, humanitarian organizations and etc. The method used in the production of this study was literature. This work is divided into the following parts: the first part discusses the concept of social identity, their definitions and differences that may suffer from immigration or merger of social groups, the second part shows the boundaries and the difficulties refugees faced to reach Manaus and the third displays the dynamic processes of new identity configurations of Haitians in Manaus.

KEYWORDS: Haitians; refugees; identity; Manaus.

INTRODUÇÃO

Antes de estudar antropologia, percebia pessoas de traços físicos e linguagem diferente em alguns lugares da cidade de Manaus, Amazonas. Isso ocorria, em especial, no bairro de São Geraldo. Logo tive a informação que se tratava dos haitianos, o que despertou minha curiosidade em torno destas pessoas. Quando comecei a realizar uma pesquisa antropológica, então percebi que seria oportuno investigar a situação deles.

¹ Especialista em Antropologia Intercultural. E-mail: lima_marcosoliveira@hotmail.com



Assim, comecei minhas observações e interações na paróquia de São Geraldo com os líderes daquela igreja, local para onde boa parte destes imigrantes se dirigiu ao chegar à cidade, espaço onde poderia obter muitas informações, desde os primeiros grupos que aqui chegaram. Contudo, me deterei numa revisão de literatura para entender melhor esse fenômeno social, esperando realizar uma análise mais etnográfica num futuro trabalho.

Os refugiados haitianos são vítimas de dois acontecimentos trágicos em seu país, o primeiro causado por seus governantes no decorrer dos tempos, que culminou em uma guerra civil sem precedentes; o segundo um fenômeno natural, um forte terremoto que abalou a estrutura de todos os prédios de seu país, uma catástrofe nacional, alvo do socorro de todo o mundo. Por isto, muitos chegaram a Manaus, aproximadamente 1.307 entre janeiro e fevereiro de 2013, segundo a pastoral do migrante. No ano seguinte, de janeiro a dezembro 1.835 haitianos chegaram à capital amazonense. Diante deste fenômeno social, as organizações governamentais deveriam ser as primeiras a tomar providências para receber e alojar estas pessoas com dignidade a começar de suas fronteiras.

Um dos pontos de partida foi identificá-los no sentido acadêmico da palavra. Sendo a identidade algo construído no decorrer da vida e suas modificações com o desenvolvimento desta, como afirma Hall (1997). Pode-se afirmar que é possível um indivíduo mudar de uma cultura para outra e ter sua identidade atualizada dada sua convivência com novas culturas.

A pesquisa é importante para a academia, porque esta não visa apenas estudar este fenômeno ocorrido entre etnias, sem que utilize das informações e assim, influencie outros setores. Antes de estudar antropologia, percebia pessoas de traços físicos e linguagem diferente em alguns lugares da cidade de Manaus, em especial no bairro de São Geraldo. Logo tive a informação que se tratava dos haitianos, o que despertou minha curiosidade em torno destas pessoas. Quando comecei a realizar uma pesquisa antropológica, então percebi que seria oportuno investigar a situação deles, assim, comecei minhas observações e interações na paróquia de São Geraldo com os líderes daquela igreja, local para onde boa parte destes imigrantes se dirigiu ao chegar à cidade, portanto espaço onde poderia obter muitas informações, desde os primeiros grupos que aqui chegaram. Contudo, me deterei numa revisão de literatura para entender melhor esse fenômeno social, esperando realizar uma análise mais etnográfica num futuro trabalho.

Os refugiados haitianos são vítimas de dois acontecimentos trágicos em seu país, o primeiro causado por seus governantes no decorrer dos tempos, que culminou em uma



guerra civil sem precedentes, o segundo um fenômeno natural, um forte terremoto que abalou a estrutura de todos os prédios de seu país, uma catástrofe nacional, alvo do socorro de todo o mundo. Por isto, muitos chegaram a Manaus, aproximadamente 1.307 entre janeiro e fevereiro de 2013, segundo a pastoral do migrante, no ano seguinte, de janeiro a dezembro 1.835 haitianos chegaram à capital amazonense. Diante deste fenômeno social, as organizações governamentais deveriam ser as primeiras a tomar providências para receber e alojar estas pessoas com dignidade a começar de suas fronteiras.

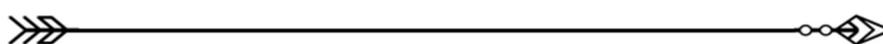
Um dos pontos de partida foi identificá-los no sentido acadêmico da palavra. Sendo a identidade algo construído no decorrer da vida e suas modificações com o desenvolvimento desta, como afirma Hall (1997). Pode-se afirmar que é possível um indivíduo mudar de uma cultura para outra e ter sua identidade atualizada dada sua convivência com novas culturas.

A pesquisa é importante para a academia, porque esta não visa apenas estudar este fenômeno ocorrido entre etnias, sem que utilize das informações e assim, influencie outros setores – comércios, igrejas, indústrias, forças armadas e comunidades civis, organizações humanitárias etc. – todas precisam de informações confiáveis que somente a academia pode fornecer. A fim de chamar a atenção para este fenômeno social em que vive esta geração, com tantos refugiados em quase todos os continentes, como jamais vistos.

O método usado para confecção deste trabalho é pesquisa bibliográfica, assim, as informações serão usadas à luz da pesquisa de literaturas aprovadas e publicadas, bem como dos livros de autores clássicos da antropologia. Então, este estudo é de natureza qualitativa. O texto está dividido em três partes, antecedidas por uma breve seção onde se levanta possíveis razões para os haitianos virem a Brasil. A primeira estuda a abordagem antropológica, a identidade e seu caráter processual e dinâmico, suas definições, as diferenças que podem sofrer com a migração ou fusão de grupos sociais. A segunda parte mostra as fronteiras e as dificuldades que os refugiados enfrentaram até chegar a Manaus. A terceira expõe os processos dinâmicos de novas configurações identitárias dos haitianos em Manaus.

POR QUE AO BRASIL?

O Brasil historicamente abriga muitos estrangeiros que buscam refúgio e é um país plural e multiétnico, um país que costuma ter atitudes de socorro ao estranho, solidário em suas diversas necessidades, primeiramente de ir ao encontro, em seu lugar de sofrimento e então, oferecer ajuda em suas terras. Fazendo algumas avaliações do tipo: localização geográfica, a língua, o clima, a situação sociopolítica e o relacionamento entre Brasil e Haiti,



há ao menos dois aspectos que podemos afirmar com mais convicção da razão dos refugiados haitianos escolheram o Brasil.

A presença militar liderada pelo Brasil sob o poder internacional da Organização das Nações Unidas (ONU) estreitou os laços de amizade entre brasileiros e haitianos por longos sete anos. Neste ínterim, o então presidente da República Luís Inácio Lula da Silva, participou de um evento esportivo com a seleção brasileira de futebol denominado “o jogo da paz”. Logo, após a catástrofe sísmica o ex-presidente voltou ao país atingido para propor a comunidade internacional ações objetivas e concretas para reconstrução do Haiti, oferecendo também apoio financeiro e deixando claro um convite aos cidadãos haitianos, que preferissem se refugiar no Brasil e que seriam bem acolhidos (SILVA, 2012).

No aspecto mais diplomático no cenário mundial, a missão dada ao Brasil tinha como objetivo, embasada na resolução os seguintes aspectos: promover a segurança necessária para que o governo provisório instalado segundo as regras constitucionais, pudesse facilitar as eleições, garantir o controle territorial, a preservação da presença das mulheres, o respeito aos direitos humanos, fomentar os princípios do governo democrático e o desenvolvimento institucional (MATHIAS, 2006).

A presença brasileira no Haiti foi permanente e no decorrer do tempo as tropas foram mudando e sua liderança também, de forma que a previsão fora para durar seis meses, o planejado era empregar aproximadamente 6.700 pessoas das quais 1.200 provenientes do Brasil. Para o comando geral das tropas foi dado a missão ao general de divisão, Augusto Heleno Ribeiro Pereira. No entanto, a situação no Haiti não progrediu no sentido de pacificação, quanto mais se aproximava a data das eleições marcadas para o final de 2005, a violência subia nos níveis mais degradantes. Por isso, o Conselho Nacional de Segurança das Nações, (CNSN) decidiu prolongar a permanência da missão no país (Resolução 1576, 29/11/2004) até meados de 2005. E nomeando outro comandante o general de divisão, Urano Teixeira da Matta Bacellar (MATHIAS, 2006).

A participação do Brasil na recuperação do Haiti não fora apenas militar, mas, muito mais em outros aspectos, como foi relatado em um simpósio que tratou das relações internacionais: A participação do Brasil junto aos países em desenvolvimentos ou em dificuldades como o Haiti, dispõe de inúmeras instituições que viabilizam a participação do país em processos de cooperação. Como a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, (EMBRAPA), Fundação Oswaldo Cruz, (FIOCRUZ), FARMANGUINHOS Instituto de Tecnologia em Fármacos/FIOCRUZ, Serviço Nacional da Indústria (SENAI) e Serviço



Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE). Estas empresas deram suportes essenciais ao país em tela (SEITENFUS, 2007).

Outro motivo pelo qual os haitianos escolheram o Brasil para se refugiarem foi a sua economia, mesmo não sendo a economia ideal para os brasileiros, porém, para os haitianos poderia ser uma boa alternativa. Assim, foi formado um imaginário de prosperidade nas terras brasileiras, talvez um novo “Eldorado” (um lugar de riqueza fácil como foi o ouro) que estes procuravam como uma nova saída esperançosa (SILVA, 2012).

Com certeza, Manaus não foi o tal “Eldorado” para os haitianos, porém, tem sido o suficiente para enviar recursos aos familiares, que ficaram em suas terras de origem. As informações dão conta de que estes refugiados formam filas em um shopping de Manaus aos sábados, depois de seus recebimentos de salários, a fim de mandarem remessas de valores às suas famílias (SILVA, 2012).

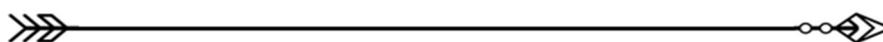
Portanto, neste país hospitaleiro não encontraram tantas riquezas ou facilidades, porém, muito diferente de seu país, encontraram uma relativa paz social e muitas possibilidades de desenvolvimento pessoal que satisfaz as necessidades humanas.

O CARÁTER DINÂMICO E PROCESSUAL DA IDENTIDADE

A identidade social é o ponto de partida, pois se trata de indivíduos dos quais suas ações e deslocamentos, seus comportamentos e relações entre diversas culturas e etnias, são representados por pessoas, seres humanos com identidades próprias, assim se faz necessário discorrer sobre identidade, a começar de sua definição até a identidade moderna globalizada.

A definição de identidade coletiva pode ser descrita com mais clareza e lucidez sob o entendimento de Pereiro (2012) que dividiu em partes, a saber: Essencialista, substantivista, psicologicista e primordialista. A essencialista, esta define a identidade como um conjunto de atributos sociocultural, bem presente e constante, herdado da alma coletiva preexistente e que não muda. A substantivista define a identidade, semelhante à anterior, porém, acrescenta uma sacralidade intocável, a substância é transmitida desde as raízes da cultura, auto-criada isoladamente. A psicologicista, esta definição procura um perfil na identidade psicológica.

A fala e o comportamento expressam a identidade do grupo, o grupo tem uma identidade de personalidade coletiva. Numa definição primordialista, a identidade aqui prima pela pessoalidade e a individualidade, se é aquilo que é sobrecarregado de afeto e emoção de uma entidade preexistente de seus líderes antepassados, por isto ela é também congregadora e mobilizadora por lealdade (PEREIRO, 2012).



Estas definições expostas por Pereiro têm a pretensão de definir como puros os seus membros a fim de proteger das ameaças exteriores; é uma postura monolítica algo impossível empiricamente, pois, os seres humanos são misturas, de maneira que raramente ou quase impossível, uma identidade sem a adição de outra (PEREIRO, 2012).

Como exemplo das definições expostas, podemos perceber no comportamento dos refugiados haitianos em sua convivência entre os manauaras, ainda que estes se ajustem aos costumes da região como: comer as mesmas comidas, vestir as roupas adequadas ao clima quente e úmido. Há uma preservação de sua personalidade e individualidade, o fato de haver uma admissão dos usos e costumes não quer dizer mudanças profundas.

O termo identidade para Pereiro (2012, p.212), é o seguinte: “Conta-se que quando dois antropólogos se encontram e não sabem de que falar, falam de identidade”. A identidade é um construto que relaciona indivíduo e comunidade, indivíduo e território, uma comunidade com outra, um grupo com outros.

Já o termo etnia é o nome dado a um grupo de seres humanos, biológico e culturalmente homogêneo, esta descrição quase não se encontra nos povos do século XXI, porém, o que se mais encontra é a etnogênese, que é o processo de revitalização, afirmação e autoconsciência que identifica um grupo étnico, este processo é um fenômeno sociocultural contínuo que dinamiza a política de uma sociedade. Pode-se afirmar que este processo ocorreu e ocorre em todos os anos que teve sua etnia somada ou misturada a tantas outras (BARTOLOMÉ, 2006).

Nas palavras de Roberto Cardoso de Oliveira, a grande dificuldade de estudar identidade é a parte que toca à psicologia, pois identidade está diretamente ligada à personalidade do indivíduo, por isto há entre os antropólogos o receio de se cometer o pecado do psicologismo (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2006). A identidade étnica é uma construção cultural que se realiza em um período histórico, onde grupos étnicos em situações reais se recriam constantemente, e a etnicidade é sempre reinventada para fazer frente à realidade que muda (CONSTANTINO, 2000; PIZZINATO 2003).

Segundo Hall (1997) a identidade pessoal é adquirida a partir do nascimento e desenvolvida no decorrer da existência do indivíduo, e, está ligada a uma construção individual do conceito de si. Enquanto a identidade social é formada na convivência de seu grupo, a começar da família, seu grupo social primário e mais próximo, assim o conceito de identidade coletiva é formado a partir da vinculação da pessoa a grupos sociais (MACHADO, 2003).



É possível perceber as realidades desta definição quanto à identidade social nos refugiados haitianos, até porque os refugiados haitianos penetraram em um grupo social diferente do seu grupo original, e como o passar do tempo de cinco anos aproximadamente, esta vinculação já pode ter suas influências, ao menos exteriores.

Sendo a identidade individual, uma construção cultural desenvolvida no decorrer da vida de um indivíduo, a etnicidade é um sentimento coletivo desta identidade, que implica e identifica-se com o outro do próprio grupo, não só, mas, também afirma-se como grupo étnico, assim o indivíduo se sente parte integrante do grupo, isto também implica em um exercício que pode incluir e excluir, assim é percebido o significado do “ethos” que é o modo de ser coletivo, particular e específico, neste sentido Bart diz que a etnicidade aparece quando um grupo se confronta com outro grupo (O'DWYER, 2001).

Para tornar mais explícito o estudo da identidade precisa-se entrar em detalhes da descrição do indivíduo, para tanto, se faz necessário tomar como base o estudo do antropólogo brasileiro Roberto Cardoso de Oliveira que faz uma distinção entre a identidade e o “Eu”.

O “Eu”, como segurança da identidade, não se dissolve em qualquer influência que o invoca supostamente em uma cultura que o indivíduo possa ser inserido, mas também, este não é vulnerável nem implica dizer que ele seja algo com vontade própria e independente, sua flexibilidade lhe dar habilidade para fazer diferença com absoluta consciência de si própria (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2006).

Uma explicação que resume bem este assunto é do próprio Cardoso de Oliveira. “O Eu, é agente de uma ação só viabilizada pelo exercício de uma indispensável liberdade individual. Eis-nos, assim, na esfera da moral”. O eu ajuda a identidade transitar pela cultura de uma nação, de forma que este tem a habilidade para fazer isto sem misturar sua essência.

O estudo da antropologia nos permitiu adquirir novas lentes para ver o ser humano com mais nitidez humana e social, um olhar mais etnográfico, é com este olhar, que passei a contemplar os haitianos, especificamente quando em pesquisas. As informações da organização que os assiste descrevem comportamentos diversificados de indivíduos sofrendo com esta alteração de lugar e de situação social, onde sua cultura, seus usos e costumes sofrem momentâneas alterações.

A identidade de cada indivíduo é formada ao longo do desenvolvimento de cada pessoa, pelo processo inconsciente, não sendo inato, existente a partir do momento do nascimento, tal identidade permanece sempre incompleta, com seu processo de contínua



formação, assim pode-se afirmar que a identidade do ser humano sempre estará em formação (HALL, 1997).

Com o entendimento da mesma linha de Pereiro (2012) se expressa que a identidade se constrói no decorrer da história e que ela é uma definição do “nós”, que se estabelece nas relações com os “outros”. Portanto, em constantes mudanças, ainda que pareça estática no tempo. Ele afirma ainda que a identidade é construída culturalmente, como se fosse um grupo que pensa ser homogêneo, e se mantém como se diferente em relação ao outro, mas há diversidade entre seus membros. A alteridade é o alimento da identidade, os valores da identidade são vistos no contato com o outro, e este contato é o começo de uma possível domesticação das relações entre estranhos, a identidade estará sempre em processo de acabamento ou em mudança.

Partindo do entendimento de que a identidade é formada no indivíduo no decorrer de sua vida, necessita-se então mostrar o período em que se fala deste conceito a respeito do indivíduo em questão. O período mais áureo em o que o ser humano foi posto no núcleo de atenção foi a partir do século XVII, época em que o iluminismo o promoveu.

Antes se acreditava que o indivíduo era divinamente estabelecido entre seus pares, não sujeito a qualquer mudança estrutural do seu ser como indivíduo, e que este status de soberania era de ordem secular e divina. Entre o humanismo do XVI e o Iluminismo XVIII, dois movimentos que exaltaram o ser humano sobremaneira, causando uma ruptura com o passado, fez do indivíduo o centro de toda razão da sociedade, isto fez com que a modernidade acelerasse seu processo (HALL, 1997).

Por causa destas afirmações entende-se a importância da identidade de cada indivíduo em seu tempo, em especial na globalização, que tende a influenciar o indivíduo com mais eficiência e sua comunicação veloz, já que esta estar em constantes mudanças. Seres humanos que saem de uma ilha no mar do caribe, e se refugiam em um país na América latina de múltiplas culturas, terão fortes influências para modificar sua identidade. O norte do Brasil tem clima tropical semelhante à ilha caribenha o que facilita, por isto mesmo, estes refugiados se espalharam com tanta facilidade pela cidade de Manaus e depois por quase todo país.

Os territórios nacionais com suas culturas deixaram seus padrões desde a pós-modernidade, o que influenciou ou homogeneizou as culturas, por isto há um sentimento de que a globalização ameaça solapar as identidades e a unidade das culturas nacionais, por causa deste sentimento, Hall apresenta três contra tendências principais.



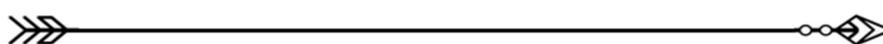
A primeira vem do argumento de Kevin Robin e da observação de que, ao lado da tendência em direção à homogeneização global, há também uma fascinação com a diferença e com a mercantilização da etnia e da "alteridade", uma etnia não é destruída até por que se trata de uma parte essencial do ser humano, ainda que haja uma mistura devida a globalização, quer pela comunicação veloz, quer pelas grandes massas de refugiados ao redor do mundo que se mistura a raças e as etnias. É muito mais provável que ela a globalização vá produzir, simultaneamente, novas identificações "globais" e novas identificações "locais", pois as identidades coadunadas formam novas identidades (HALL, 1997).

A segunda qualificação relativamente ao argumento sobre a homogeneização global das identidades é que a globalização é muito desigualmente distribuída ao redor do globo, entre regiões e entre diferentes estratos da população dentro das regiões. Sendo este fenômeno chamado geometria do poder, a globalização não tão geométrica, assim, a identidade da globalização dificilmente será homogênea, porém, em grande parte terá sua influência ocidental em muitas culturas (HALL, 1997).

O terceiro ponto na crítica da homogeneização cultural é a questão de se saber o que é mais afetado por ela. As culturas ao redor do globo podem até ser afetadas pela globalização, porém, em menor medida, até porque, as nações orientais e ocidentais têm seus valores culturais bem diferenciados. O fato de o ocidente ser o "mentor" da globalização isto não quer dizer que seu poder coadunará as culturas de forma a torná-la uma, pode até influenciar, mas, dificilmente transformá-la a tanto, ainda, que a globalização seja um fenômeno característico dele (HALL, 1997).

Diante destas definições de globalização expostas por Hall, pode-se situar no século XV o olhar europeu, para os países colonizados e entender que a palavra "globalização" ainda não fosse cunhada, mas, no sentido de colonizar e até ignorar a identidade dos povos ali existentes, já era uma realidade.

Outro modo de perceber a identidade na pós-modernidade pode ser exposto de outra forma, mas, com o mesmo entendimento, Claval (1999) descreve a identidade como algo formado pela multiplicação dos deslocamentos e a rapidez da comunicação ao redor do mundo. Antes da globalização o comportamento era de certa forma limitada, a identidade era vivida sob forma de necessidade, lhes era imposto como valores à forma de pensar, o modo de ser e a própria imagem, de maneira que nem se quer tinha motivos para defini-la.



A pós-modernidade aliada à globalização multiplicou o contato com o outro, abrindo um universo de informações e contatos que a “aldeia” perdeu suas fronteiras, oferecendo múltiplas formas de identidade (CLAVAL, 1999).

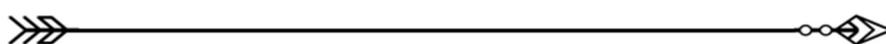
Portanto, a identidade na pós-modernidade teve suas características modificadas em certa medida, pois, a cultura tende a modificar, porém, a identidade se adéqua aos novos ambientes e aos novos valores, preservando a identidade primária do indivíduo.

ATRAVESSANDO FRONTEIRAS

Os seres humanos que habitavam a ilha que recebeu o nome de Haiti, eram pessoas com seus valores intrínsecos como indivíduos, não precisavam ser descobertos por outros povos “civilizados”, eles tinham suas identidades como pessoas e suas particulares características de seres humanos, neste sentido a visão eurocêntrica de “superioridade” sobre os povos estranhos, mas, quem a determinou como superior, ela mesma? Esta situação nos reporta ao famoso relato do antropólogo Lévi-Strauss, a curiosa situação entre dois grupos nas grandes ilhas após a descoberta da América, um grupo de espanhóis e suas comissões de inquiridos, a fim de pesquisar os indígenas para descobrir se aqueles nativos possuíam alma ou não; enquanto isto aqueles nativos de aparência “ignorantes” sem formação cultural dos brancos, emergiam brancos prisioneiros já mortos, para verificar por observações bem demoradas se seus cadáveres eram ou não sujeitos à decomposição (LÉVI-STRAUSS *apud* LAPLANTINE, 2003).

Mediante tal relato não se pode promover uma civilização em detrimento de outra, o fato de os europeus possuírem armas de fogo e um exército armado com lâminas super afiadas, não os torna mais civilizados que outros. O mar do caribe que permeia tantas ilhas e países dos quais está o objeto de estudo, sofre suas diásporas ao longo dos séculos, e as saídas ou retiradas destes seres humanos de seu habitat natural, são alvos de estudos, pois formam identidades de outros povos, bem como, tem a sua dispersada por todos os continentes.

Os países que interviram no Haiti, quer por colonização, quer por intervenção de guerras ou até por exploração de seus nativos, como escravos, e os levaram para suas terras, contribuíram para a modificação identitária desta nação. A contribuição da França, por exemplo, país colonizador, deixou marcas indeléveis na identidade deste povo, de forma que a língua mais oficial do Haiti é o francês. O embargo imposto sobre eles por sessenta anos



também marcou sua história, de forma negativa, de maneira que contribuiu em muito para o atraso do progresso desta ilha na comunidade internacional. De fato, a identidade haitiana sofreu intervenções de maneira significativa, a oportunidade de sair desta ilha equivale a sair da “caverna” para conhecer o mundo lá fora (MATIJASCIC, 2009).

Para Hall as nações caribenhas com seus tantos anos de independência não são apenas entidades políticas, mas, sujeitos com culturas e artes reproduzidas que demarcam suas fronteiras, assim, são pessoas que tem seus valores identitários formados em sua cultura, que independe do lugar para onde vão ou foram levados, sua identidade original ou já modificada em alguma mediada, está com o indivíduo (HALL, 2003). Como ele descreve:

Como imaginar sua relação com a terra de origem, a natureza de seu "pertencimento"? E de que forma devemos pensar sobre a identidade nacional e o "pertencimento" no Caribe a luz dessa experiência de diáspora? Os assentamentos negros na Grã-Bretanha não são totalmente desligados de suas raízes no Caribe (HALL, 2003, p.335).

Portanto, a identidade do indivíduo haitiano forjada nesta ilha tem seus aspectos intrínsecos à pessoa, que a caracteriza como ser humano, com raízes no Caribe, sendo possível viver em qualquer parte do planeta e receber influências de outras culturas, porém, a sua, ainda assim em menor medida, estará sempre em sua identidade original.

É possível mudar a identidade?

Começamos com entendimento do mecanismo de suma importância descrito por Roberto Cardoso de Oliveira em sua obra “Caminhos da identidade”, na qual há uma explicação do “Eu” e sua função junta à identidade: O “eu” é aquele que dar o comando à identidade, é ele quem diz quando uma identidade deve ser usada. Um exemplo esclarecedor é a história do índio de nome Joaquim que manejava sua identidade *kininináu* se identificando conforme a situação ou o meio que tivesse: Reivindicava sua fala e direito à terra da reserva indígena como terena, participou do ritual como se fosse um verdadeiro terena, torceu pelo time como se fosse terena. Na reunião dos anciãos da tribo se identificou como um *Naati*, membro da camada dos chefes. Manipular estas identidades e manter-se íntegro em seu “Eu”, mostrava sua liberdade de escolha, de identidade de conformidade, os diferentes interlocutores nos cenários que se apresentavam a ele, segundo Eric Erikson este tipo de identidade é chamada de identidade renunciada (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2006).



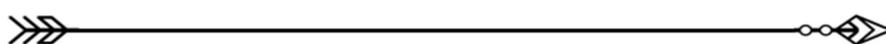
No entendimento do antropólogo Carlos Rodrigues Brandão a identidade própria do nativo se conserva em meio a tantas influências do homem branco, o fato de um terena batizar seu filho na igreja e ter padrinhos, não o faz sertanejo; nem transforma um tikuna em caboclo, da mesma forma, como o êxodo dos jovens das aldeias às cidades a fim de trabalhar, não destrói os princípios de sua etnia adquiridos na coletividade de tribo. Os grupos étnicos preservam sua unidade social e permanecem existindo etnicamente diferenciado (BRANDÃO, 1986).

Tomando como referencial para este assunto, o antropólogo Fredrik Barth, que tem uma posição interessante quanto à possibilidade de mudança de identidade, para ele uma identidade étnica exposta a uma relação cultural que tem seus valores definidos, pode ser conservada, porém, há limites que devem ser respeitados sob pena de correr riscos de um prejuízo identitário, ou, seja há possibilidade de uma perda de referencial (BARTH *apud* O'DWEL 2001).

Esta posição de Barth advém dos frutos de suas pesquisas, quanto à qualificação de uma comunidade étnica, que a caracteriza como um grupo com os referenciais que lhes dão solidez identitária, estes referenciais são: A autopropetuação biológica; o compartilhamento de valores culturais realizados fundamentalmente como uma unidade que se manifesta em sua cultura; mantém sua interação em constante comunicação; seus membros se identificam e são identificados com os mesmos valores, sem se depreciarem em categorias entre si, mas mantendo a mesma ordem. Estes princípios os permitem transitar por diversas culturas sem afetar sua identidade (BARTH, 1997).

Acenando para a conclusão deste assunto tomam-se como referências explicativas, o sociólogo Manuel Castells e o antropólogo Xerardo Pereiro. Do primeiro apresenta três características de identidade que acontecem na relação social de poder, cujo ator social tende a se descaracterizar de sua cultura ou de sua identidade. O segundo descreve as diferenças entre cultura e identidade, o que é de grande valia neste ponto.

A primeira identidade é a Legitimadora; esta ministrada pela liderança dominante, que visa tornar legítimo diante dos demais indivíduos daquela sociedade. A segunda é a identidade de resistência; ela encontra guarida em outros que estão descontentes com os dominantes, por isto se posiciona contra a opressão e define fronteiras. A terceira é a identidade projeto; onde seus atores sociais se utilizam de seus materiais culturais para



projetar uma nova identidade e redefine a posição do indivíduo na sociedade. Assim são oferecidas três formas de oportunidade para uma identidade (CASTELLS, 2000).

A reflexão neste ponto mostra que um indivíduo pode estar inserido em uma nova cultura, totalmente legalizado em seus documentos, totalmente consciente dos usos e costumes daquele lugar, porém, o estudo antropológico o lembra da alteridade, que no fundo ele tem uma identidade e “somos” outro, o conceito de identidade é entre o indivíduo e a sociedade, entre a ação individual e a estrutura sociocultural, precisa-se entender que cultura não é o mesmo identidade, pois identidade se utiliza da cultura, mas não totalmente. Uma distinção simples e clara entre cultura e identidade: Cultura é o modo de vida de um grupo humano. A identidade é a representação da cultura de um grupo humano (PEREIRO, 2012).

Pereiro brinda seus leitores com a seguinte citação:

O problema da identidade está sempre presente. Na redação da Constituição da 2ª República Espanhola, a definição do artigo que é ser espanhol deixou-se para o fim, pois não havia acordo. No fim decidiu-se que o texto seria o seguinte: “Ser espanhol é quem não pode ser outra coisa” (PEREIRO, 2012, p.213).

Portanto, a identidade como essência do indivíduo pode ser preservada, mesmo que este adquira novos hábitos culturais em seus contatos com outras etnias, o que ele é enquanto pessoa é conservada, em especial quando obedecem às regras de conservação da identidade coletiva como exposto acima.

As fronteiras

As consequências naturais causadas por fronteiras são: a divisão dos povos, a separação de nações e o distanciamento das culturas; porém, estas têm seus motivos legítimos, de defender suas “aldeias”, pois os homens em seus mais puros sentidos de ganância as ultrapassam, tão somente, com a finalidade de ampliar domínios geográficos dos seus países, portanto, a fronteira física tem suas devidas finalidades.

Neste entendimento os tratados foram estabelecidos entre os Estados e os reinos, pois suas fronteiras precisavam de uma delimitação não apenas topográficas, mas, algo que se constitui em modo de convivência para definir as práticas entre povos em suas circunvizinhanças (MARTINS, 2002). Por isto, entende-se que as fronteiras também são



estabelecidas pelo modo de viver entre os povos envolvidos independentes de sua língua, culturas e costumes. Ainda que a globalização projete facilidades, as fronteiras culturais permanecem, pois nelas ainda incidem os usos, costumes e a religião, sendo esta última a mais forte de todas, que têm sido a maior causa de grandes divisões no mundo, chamado moderno.

Os refugiados haitianos que empreendem esta viagem ao Brasil começam a enfrentar diversas fronteiras, a primeira é a fronteira econômica, sua família precisa fazer um hercúleo esforço para levantar valores para viagem. Depois, encontram as fronteiras da confiança, de quem os pode ajudar atravessar o mar do caribe, barcos ou embarcações sem a menor segurança. Os “coiotes” nome dado aos que cobram para fazer a travessia na fronteira, os quais não dão segurança de nada e ainda cobram caro pelo “serviço” ilegal (SILVA, 2012).

Vencido todos os perigos do mar, chega-se a fronteira geográfica do país, alvo de seu refúgio. Silva em um capítulo intitulado “Aqui começa o Brasil” descreve com riquezas de detalhes as dificuldades que estes refugiados sofreram. Quando os haitianos venceram o mar, ainda precisavam passar por países fronteiriços ao Brasil, em especial a Colômbia, foi então nesta fronteira que encontraram a tal inscrição que dizia: “Aqui começa o Brasil”, para alguns começava o país exótico, porém, a placa alertava para a fronteira de um Estado-Nação que soberanamente decide quem pode cruzar suas fronteiras. Ali começavam sofrimentos com extorsões, discriminações o que apagou rapidamente as ideias de boas acolhidas, faladas pela diplomacia brasileira (SILVA, 2012).

Até aqui se considera apenas a porta de entrada nesta fronteira, pois os três meses a que se referem são preenchidos de diversos sofrimentos, como: falta de alimentos, lugares improvisados para dormir, ociosidade pela grande demora. Grandes ajudas voluntárias vêm da Igreja Católica que fez do seu salão de missas um grande dormitório e dos fundos do templo uma cozinha que improvisada às mulheres haitianas que faziam comidas, mas, nos fins de semana estas ajudas cessam, para retornar na semana seguinte o que causa sofrimentos de 48 horas, estes haitianos dependem de outros voluntários moradores desta fronteira (SILVA, 2012).

Vencida as fronteiras geográficas do estado amazonense uma vez na capital Manaus, começa as fronteiras culturais que incluem: A cor da pele, os traços de negros, o idioma e



cultura como um todo, as quais “trabalham” contra, por uma oportunidade de trabalho e de estudos (SILVA, 2012). Diante destas dificuldades a identidade haitiana vai recebendo influência da cultura brasileira, também com sua identidade própria, que não deixa de também receber em muito menor medida a influência da identidade haitiana, pois a cultura brasileira é formada por diversas culturas ao longo de sua história.

Recepção voluntária e acolhedora da Igreja Católica

A Igreja Católica com suas organizações nas fronteiras quer em Tabatinga, quer no Acre, em Brasiléia ou Benjamin Constant, receberam estes refugiados deram as primeiras assistências humanitárias, unicamente por se tratar de ser o “próximo”, uma atitude provida de amor ao semelhante (SILVA, 2012). Os dados desta sessão são resultados da pesquisa de campo realizado em uma paróquia da cidade de Manaus, estes dados são de particular informação não sendo possível fornecer os nomes de seus informantes, por isto, será usado nomes fictícios para preservar a identidade e como atitude ética será usada nas informações tão somente academicamente e os registros serão destruídos. Os refugiados foram recebidos pela paróquia de São Geraldo e pelo Serviço Pastoral do Migrante (SPM) em suas respectivas sedes. Os haitianos chegaram à cidade de Manaus pelos portos e rodoviária assim declara o clérigo.

Os primeiros imigrantes ao chegarem ao porto de Manaus, orientados pela pastoral do migrante de Tabatinga, se dirigiram à igreja dos remédios no centro da cidade onde funciona, o SPM. De lá, através dos carros dos religiosos Scalabrinianos, foram encaminhados ou para o abrigo (jacamim) do Estado ou para outras casas, outros imigrantes chegaram à catedral ou mesma à igreja de São Sebastião e depois buscados pela pastoral. Depois de alguns meses, os haitianos ao desembarcarem no porto de Manaus, lotavam os taxis começaram a ir diretamente à paróquia, com o passar do tempo, os taxistas e proprietários dos carros de aluguel, nem se quer perguntavam aos haitianos onde queriam ir, já levavam direto para a paróquia de São Geraldo.

Na quantidade que chegaram os haitianos em Manaus, aproximadamente 1.307 entre janeiro e fevereiro de 2013, segundo a pastoral do migrante, objeto desta pesquisa, no ano seguinte, de janeiro a dezembro 1.835 haitianos chegaram à capital amazonense, diante deste fenômeno etnológico, que a organização de uma cidade poderia se dispor a receber e alojar estas pessoas com dignidade. Normalmente eram dois barcos por semana que vinha



de Tabatinga, as terças e sextas-feiras ou sábados, nestes dias entre sete e nove horas da manhã lá vinham os táxis, ora quatro ora dez, ora quinze e até mais. Era um verdadeiro desembarque. Os espaços em frente à igreja de São Geraldo, o salão paroquial ficava tomado de malas e de imigrantes. Uns ficavam de cabeça baixa, silenciando, outros falavam forte, outros ainda ao encontrar os companheiros conhecidos desde o Haiti ou que se conheceram na viagem, transformavam o encontro em uma festa.

Diante de tal dificuldade ou a ausência do poder público, que deveria ser o carro chefe deste trabalho e auxiliado pela igreja e não o contrário, Silva registra o seguinte:

Seja como for, a presença dos haitianos no Amazonas evidencia as contradições de como a sociedade civil e o governo seja ele municipal, estadual ou nacional, tem lidado com a questão migratória no país, revelando não somente o despreparo das instituições oficiais para enfrentar situações emergenciais como esta, mas também explicita as diferentes posições dentro do próprio governo diante da necessidade de se rever a legislação migratória vigente no Brasil, a qual se encontra inadequada para responder os desafios do fenômeno migratória da atualidade. (SILVA, 2012, p. 314).

Estes refugiados deveriam ser recebidos por alguém representante do estado do Amazonas enquanto governo, quer municipal quer estadual, com suas secretarias de assistências sociais, portanto, estes seriam os principais e únicos responsáveis por refugiados estrangeiros. Depois destas chegadas súbitas, eram encaminhados para os alojamentos e casas alugadas ou cedida em diversas partes da cidade, conforme a lista que segue: Manoa um casarão ainda em construção, Monte das Oliveira uma casinha, São Raimundo no salão paroquial, Nova República, Japiim, Lauro Cavalcante no centro, Petrópolis. As mulheres foram para a casa Ininga, um retiro, Monsenhor Coutinho (Centro), Getúlio Vargas (Matinha), Dom Pedro uma casa alugada pela paróquia, São Jorge, Educandos, Av. República Argentina no bairro centenário, Beija flor uma casa cedida. No dia 10 de fevereiro de 2012 havia em torno de mil haitianos nos abrigos (SILVA, 2012).

Os parceiros que puderam somar forças para abrigar tantos refugiados dos quais registra-se: A ONG “Ama Haiti” que lotou seu casarão. A fundação Alan Kardec alugou um grande barracão onde alojou mais de trezentos. Um pastor Batista acolheu em sua igreja no parque das laranjeiras um grupo de sessenta. Outro pastor independente do Parque Dez abrigou outros sessenta ainda que temporário. A chegada ao norte do Brasil possa ter surpreendido muitos refugiados, talvez pelas informações que caracterizam o país, as



características Amazônicas divergem da parte mais desenvolvida, porém, será em Manaus que muitos imigrantes ficam para se adequar aos costumes e culturas, porém, por sua vez colaborando também com as suas, assim o haitiano passou a fazer parte do cenário amazonense.

Estes imigrantes permeiam a cidade, nas mais diversas atividades trabalhistas, escolares, religiosas, comerciais e de entretenimentos. Em pouco tempo formarão famílias e conseqüentemente seus filhos serão identificados pelas suas características físicas e pelos nomes, naturalmente a sociedade manauara recebe tais características, bem como os imigrantes estarão ligados a esta nova cultura.

Documentos

Documentação é uma das grandes dificuldades do refugiado, em especial quando não há definições claras quanto aos documentos exigidos ainda em sua terra natal, ou ainda, os trâmites para entrar pelas “portas da frente” de um país que tem suas burocracias complexas como é o caso dos haitianos vindos para o Brasil. Os documentos são os objetos pelos quais se pode provar não somente sua identidade, mas, também suas intenções, a grande dificuldade de um refugiado é ser um indocumentado, este nem consegue provar quem ele é sem contar com a angústia de fugir da justiça do país onde é estranho ou estrangeiro.

Dentre muitas assistências, a pastoral do migrante encaminha os haitianos para tirar os documentos mais “básicos e suficientes para o refugiado começar sua vida como um estrangeiro legalizado, estes tiram CPF, carteira de trabalho” (SILVA, 2012.p 314). Os nomes a seguir: Erick Bien-Aime, Supplice Cadet Gelin, Jean Iberlio Suprice, são de pessoas haitianas que sonharam em ter seus documentos, já na nação brasileira, isto lhes garantem o começo de várias conquistas, dentre elas, de provar sua legalidade e sua identidade social, ainda que em terra estrangeira.

Consideram-se, ao menos três princípios básicos pelos quais os olhares humanos devem contemplar: que seu semelhante sempre precisará de sua ajuda quando em dificuldades fora de sua terra natal, especialmente aos que estão fugindo para preservar sua vida, e todo estado nacional tem em sua composição, estrangeiros que de várias formas somam suas culturas ao estado nação que os recebem, formado assim novas identidades; por



fim, não menos importante, que os grupos sociais tenham igual valor em qualquer lugar deste planeta, independente do estado nacional que pertence.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Olhando para o Haiti como o primeiro país a conquistar sua independência, mostrando assim às demais colônias que era possível se tornar livre, e que no auge de seu progresso colonial fora mais produtivo que as treze colônias da América do Norte, quando em estágio semelhante, porém, em plena globalização é identificada como a nação mais pobre do Caribe e ver seus filhos se refugiando em outras nações.

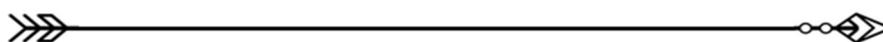
Esta nação e seus descendentes são os objetos de estudo em laboratórios acadêmicos, ainda que em documentos que registram suas histórias, porém, neste, estuda-se tão somente o comportamento entre seus pares, seres humanos à sua semelhança com os mesmos valores e essências intrínsecos ao ser humano, mutável ou não, influenciável ou não, mas são pessoas que deixaram seu habitat natural, para preservar seu bem maior, sua vida, e para continuar sonhando com a felicidade.

A identidade como objeto de estudo, sendo a parte essencial que compõe o ser humano, encontra-se dificuldades de explicar este comportamento humano em suas relações; exatamente neste ponto há uma linha tênue entre a antropologia e a psicologia; esta posição é quase unânime entre os estudantes de antropologia e até entre renomados antropólogos.

Como procuramos mostrar no decorrer da pesquisa, as definições de identidade e posições de antropólogos especialistas no assunto, conforme os escritos de cada um, o que podemos considerar é que eles são unânimes quanto à forma da identidade, que esta começa a partir do nascimento do indivíduo e permanece em desenvolvimento por toda vida, e ainda mais que há estágios, cada um com seus produtos.

Outra consideração pertinente que esta pesquisa mostra bem ligada ao assunto anterior é que há entre os antropólogos o entendimento que a identidade pode absolver outras culturas, contudo, não perde sua essência identitária, um haitiano pode passar a viver em outra cultura e absolver seus usos e costumes, mas, não perde sua identidade, ainda que passe a possuir documentos desta nova pátria, mas sua identidade é preservada; falar português, comer peixe com farinha como um manauara não o fará amazonense.

Nossa geração vive uma globalização importante, em especial com a velocidade das informações, por causa disto pensou-se em uma unificação de identidade. A história, porém, tem provado exatamente o contrário, pois um imigrante pode sair de sua nação e fixar



residência em outra bem distante geograficamente e culturalmente, sem deixar de saber como estão seus patrícios, o que se passa em sua família, onde sua identidade foi forjada. Assim este imigrante pode acompanhar todos os passos da conservação de sua etnia e de sua identidade conforme os princípios expostos por Barth (2000).

Considerando que não há nenhuma nação que não seja fruto da soma de outras etnias. Receber, pessoas de outras culturas na cidade em que vive, é como receber pessoas em dificuldades em sua casa, o Brasil é a nossa casa que recebe pessoas de outras culturas e etnias, que devem mesmo conservar tudo o que é próprio de sua formação cultural. A partir daqui, podemos olhar o outro como alguém completo, que tão somente está em uma terra diferente e que faz parte da única raça neste planeta, a raça humana, com suas múltiplas identidades.

REFERÊNCIAS

BARTH, Fredrik A.J. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Ponto, 2000.

BARTOLOMÉ, M. As Etnogêneses: velhos atores e novos papéis no cenário cultural e político. In: **Revista Mana**. v.12, nº1. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132006000100002. Acesso em 26.03.2016.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Identidade e etnia: Construção da pessoa e resistência cultural**. São Paulo: Editora Brasiliense S.A, 1986.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **Caminhos da identidade: Ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo**. São Paulo: Editora Unesp; Brasília: Paralelo 15, 2006.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CAVALCANTE, Talita. **O terremoto no Haiti**. Disponível em: <http://www.marcosgeograficos.org.br/pdf/html.php?id=129>. Acesso em 21 ago. 2015.

CLAVAL, Paul. **O Território na transição da Pós-Modernidade**. Sorbonne: Universidade de Paris, 1999. Disponível em: <http://www.uff.br/geographia/ojs/index./php/geografia.article/view,fil/16/14>. Acesso em 30 set. 2015.

FRIEDMAN, Howard S. & SCHUSTACK, Mirian W. **Teoria da Personalidade: da teoria clássica, à pesquisa moderna**. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

HALL, Stuart. **Identidades Culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1997.



_____. **Da Diáspora - Identidade e dimensões culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia do trabalho científico**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

LAPLANTINE, François. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

MACHADO, Hilka Vier. **A identidade e o contexto organizacional**: perspectivas de análise. A política brasileira de proteção e de reassentamento de refugiados – breves comentários sobre suas principais características. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S003473292002000100008&script=sci_arttext#nt16 Acesso: 30 set. 2015.

MARTINS, Maria Helena. **Fronteiras culturais Brasil, Uruguai, e Argentina**. Ateliê Editorial São Paulo: Cotia, 2002.

MATHIAS, Suzeley Kalil. Leandro Leone Pepe **SEGURANÇA E DEMOCRACIA: A ATUAÇÃO DO BRASIL NO HAITI**. San Juan, march 15-18th, 2006. Disponível em: WWW.urffj.br/revistapotesi/files/2011/05/4.conexão_brasil-uruguai-haiti. Acesso: 25 mar. 2016.

MATIJASCIC. Vanessa Braga. **Haiti: uma história de instabilidade política. Cenário Internacional**. São Paulo: ANPUH, 2009 [ISSN 1981-9102]. Disponível em: <http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XX%20Encontro/PDF/Autores%20e%20Artigos/Vanessa%20Braga%20Matijascic.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2016.

O'DWYER, Eliane Cantarino. Resenha. In: **Revista Mana**. V.7, N.1. Rio de Janeiro: Contra Ponto, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132001000100009&script=sci_arttext. Acesso: 30 set. 2015.

PEREIRO, Xerardo. **Apontamentos de Antropologia Sociocultural 2011-2012**. - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD) –Web: <http://pt.scribd.com/doc/139112898/Manual-de-Antropologia-Sc-Xp#scribd/> 30 set. 2015.

SEITENFUS, Ricardo (Org.). **O Brasil e a cooperação triangular sul-sul para o desenvolvimento: O Caso do Haiti**. In: I SIMPÓSIO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS do PROGRAMA DE PÓSGRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS SAN TIAGO DANTAS. 1, 2007, São Paulo (UNESP, UNICAMP e PUC-SP). Disponível em: www.santiagodantassplocaweb.com.br/simp/artigos/verennhitrch. Acesso em 10 jan. 2016.

SILVA, Sidney Antônio da (Org.). **Migrantes em contextos urbanos: uma abordagem interdisciplinar**. Manaus: EDUA, 2010.

_____. **Migrações na pan-amazônia**: Fluxos, Fronteiras e processos socioculturais. São Paulo/Manaus: Hucitec/Fapeam, 2012.

